

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DOS ANNALES PARA O ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E HISTÓRIA

Veruska Anacirema Santos da Silva*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Orientador: Prof. Dr. Edson Farias (UnB)

veruska.anacirema@gmail.com

Considerações iniciais

O cinema, inventado em 1895, pelos irmãos Lumière, na França, tornou-se, rapidamente, uma das grandes manifestações lúdico-artísticas da contemporaneidade, popularizando-se pelo mundo todo, conquistando pessoas de todas as classes sociais, inaugurando novos modos de sensibilidades, tornando-se um componente central da cultura. O impacto que o cinema teve na constituição nos modos de ser do homem moderno não escapou aos interesses de estudos das Ciências Humanas. Desse modo, a arte cinematográfica e suas práticas são temas de diversos campos do saber. Estudiosos como Duarte (2002), por exemplo, afirmam que o homem do século XX jamais teria sido o que foi se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento. Em todo o mundo, o cinema criou novas formas de ver, entender e representar o mundo e as idéias e derivou em práticas sociais e culturais que constituem determinadas dinâmicas ligadas à arte cinematográfica.

A importância da sétima arte nas experiências sócio-culturais de largas parcelas das sociedades de vários países não passou despercebida aos historiadores. Tanto é assim que até uma expressão singular – cinema-história – foi cunhada para dar conta da articulação entre as duas esferas e dos modos de compreensão tramados entre os filmes e os saberes históricos. O desenvolvimento de tal relação só foi possível porque, em 1922, um grupo de historiadores franceses, encabeçados por March Bloch e Lucian

* Veruska Anacirema Santos da Silva é mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB) e do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural (Uesb).

Orientador: Dr. Edson Farias, professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília; professor associado do mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; pesquisador do grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB).

Febvre, promoveu uma revolução nos estudos históricos, ampliando o campo de visão dos historiadores sobre as possibilidades de investigação dos processos sócio-humanos. Este empreendimento contrariou a máxima formulada por Langlois e Segnobos, que afirmavam que a História só se fazia com documentos e instaurava uma “abordagem nova e interdisciplinar da história” (BURKE, 1997, p. 33), que ficou conhecida como Escola dos Annales.

No rastro das novas abordagens, fontes e métodos inaugurados pela Escola dos Annales, o cinema surgiu tanto como objeto quanto como fonte sobre a história, ao favorecer análises sobre as relações do cinema com a sociedade, com as ideologias, com a produção de discursos históricos e com o ensino desta disciplina. Desse modo, essa manifestação lúdico-artística aparece tramada com outras instâncias construtoras de sentidos históricos, que vão desde os aspectos econômicos – lembremos, por exemplo, que a indústria do cinema dos Estados Unidos é uma das mais poderosas do mundo – até àqueles fatores relacionados às ideologias e às visões de mundo de determinados regimes políticos ou momentos históricos específicos. Nesse sentido, interessa-nos, ao mesmo tempo, compreender o cinema enquanto objeto de estudo possibilitado pela ampla revolução intelectual empreendida pela Escola dos Annales que, nas últimas décadas, assumiu reconhecido lugar no campo acadêmico, com historiadores renomados dedicados ao estudo da relação cinema-história e com produções que apontam para os caminhos dispostos entre as configurações sócio-culturais e o percurso da história, seja como experiência ou como reflexão científica. Vamos, então, considerar, brevemente, alguns aspectos desse binômio aliando manifestação lúdico-artística e estudos históricos.

Cinema: fonte e discurso sobre a história

Segundo Nóvoa (1995), desde as primeiras filmagens realizadas por Louis e Auguste Lumière, em 1895 – operários saindo de sua fábrica -, o cinema se casa indissolúvelmente com a história. Mas, os estudos sobre a relação cinema-história só se desenvolveram, efetivamente, a partir das décadas de 1960 e 1970, com a chamada terceira geração da Escola dos Annales. Esse foi o período em que temas como a infância, o sonho, o corpo e a mulher passaram a fazer parte dos estudos históricos, por meio do desenvolvimento das chamadas história das mentalidades e história cultural (BURKE, 1997). O olhar sobre as determinações econômicas, políticas ou religiosas

sobre a sociedade e o indivíduo voltou-se para as práticas sociais e culturais. Nesse movimento, as experiências que surgem e são entretidas no cotidiano, no qual as manifestações ligadas à arte e ao entretenimento têm um lugar significativo, marcam as vivências dos indivíduos e são compreendidas como possibilidades de entendimento das dinâmicas das sociedades na história.

É nesse momento, em que novas fontes, métodos e abordagens são incorporados ao fazer histórico, aprofundando a revolução intelectual iniciada por Block e Febvre, nos anos 1920, que o filme, já uma experiência cultural largamente consumida em quase todo o mundo, passa a ser visto como documento para a história, sobretudo a partir dos esforços de Marc Ferro, especialista em Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa que, não por acaso, fazia parte de um movimento científico que portava impactos do movimento cinematográfico francês da *Nouvelle Vague*, que também realizava reflexões sobre o pós-guerra europeu e os regimes totalitários. Aquelas idéias e exercícios simbólicos e estéticos manejados pelos cineastas franceses influenciaram novos olhares sobre os temas históricos que inquietavam a Europa ainda arrasada pelos conflitos bélicos e pela ação dos regimes de intolerância. Nessa trilha, Ferro e outros estudiosos não demoraram a perceber o potencial do cinema, em si, para o estudo da História.

A cunhagem do binômio cinema-história é significativa da compreensão do cinema como uma experiência que está além do mero entretenimento, destacando suas performances tanto como fonte quanto como agente da história.

(...)nunca nenhum elemento ou agente histórico foi tão importante a ponto de ter a sua designação associada à palavra história. Nenhum documento se impôs tanto, de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme. Este, para o cientista social, para o psicólogo e para o psicanalista, passou a ser visto como um modelador de mentalidades, sentimentos e emoções de milhões de indivíduos, anônimos agentes históricos, mas também como registro do imaginário e das ações dos homens nos vários quadrantes do planeta (NÓVOA, 1995, p. 110).

As possibilidades de uso do cinema nos estudos históricos assumem várias facetas. Duas das mais importantes são as que dizem respeito ao uso dos filmes enquanto fonte de conhecimento histórico e como agentes da história. As análises que tomam os filmes como agentes da história partem do pressuposto básico que o cinema é

eficaz enquanto instrumento formador de consciências, auxiliando na difusão de determinadas visões de mundo, comportamentos, estereótipos... Tal capacidade de formação de mentalidades está intrinsecamente ligada aos contextos sócio-históricos nos quais os indivíduos encontram-se imersos.

Essa intervenção do cinema se exerce por meio de um certo número de modos de ação que tornam o filme eficaz, operatório. Sem dúvida essa capacidade está ligada, (...) à sociedade que produz o filme e àquela que o recebe, o recepciona (FERRO, 1992, p. 15).

Já o filme como fonte sobre a história – caso dos chamados filmes históricos ou de época - leva em conta o valor intrínseco das películas e suas características internas, com destaque para o potencial de registro de um dado contexto sócio-histórico.

Um gesto, as pessoas nas ruas, o estilo dos edifícios, o interior das casas, a indumentária dos personagens em um bar, a expressão de seus rostos, tudo tem a importância exatamente porque constituem a matéria de uma outra história, distinta da história narrada (NÓVOA, 1995, p. 114)

A abordagem do cinema, seja como fonte de conhecimento histórico ou como agente transformador da história, requer do pesquisador uma atenção especial ao problema da reconstrução do real, considerando aspectos como as relações sociais, a psicologia social em funcionamento em dado contexto ou, ainda, com esferas complexas com o imaginário e a ideologia. Exige, nesses termos, o mesmo rigor científico utilizado na investigação de documentos escritos. Outra importante faceta da relação cinema-história diz respeito ao uso do cinema no ensino da História em sala de aula. Este uso está baseado na inserção da linguagem cinematográfica como instrumento auxiliar do processo de aprendizagem ou, de forma ainda mais relevante, como experiência constituinte da formação cultural de indivíduos e grupos, com impactos duradouros nos percursos de vida e nas maneiras como tais indivíduos lidam com os produtos da arte e da cultura. Nesses termos, trata-se de introduzir os filmes de temáticas históricas como elementos geradores de discussões e de estímulo à pesquisa e não apenas como meros ilustradores do saber contido nos livros didáticos.

O que se deve pretender não é, necessariamente, transformar estudantes em conhecedores da sétima arte (objetivo que seria, seguramente, o de um curso de belas artes) nem, muito menos, torná-los cinéfilos inveterados, mas utilizar o extraordinário fascínio do cinema para despertar e desenvolver neles o gosto pela interpretação e pela polêmica, componentes indispensáveis à formação tanto de quem quer pensar a história através da pesquisa, como para quem quer fazê-lo tão somente como professor (ibid, p. 119).

Considerações finais

A partir de 1920, a historiografia, com as reformulações de suas teorias, métodos e objetos, propiciada pelo surgimento da Escola dos Annales, passou a conceder cada vez mais importância às diferentes dimensões da vida humana. Desde então, os estudos históricos compõem como uma possibilidade de lançar novos olhares sobre as dinâmicas sócio-históricas, fazendo com que muitos temas sejam visitados, revisados e ampliados e, ainda, que outros sejam apreendidos nas relações interpessoais e geracionais que vão tecendo teias de sentidos e significados para grupos e sociedades inteiras.

As discussões sobre a relação entre cinema-história e a ambiência em torno da sétima arte fazem parte dessa revolução historiográfica ao demonstrar a importância do cinema em várias práticas e espaços sociais. Se pensarmos que o mundo contemporâneo está marcado por múltiplos e profundos sentidos, o olhar da História para essa experiência sócio-cultural dá conta do surgimento de novos modos de sensibilidade e de pensamento entretidos na vida moderna, tornando-se um importante lugar de reflexão sobre a produção de sentido e de significação.

Desse modo, mais do que entretenimento, o cinema se torna um espaço de problematização da História e de reflexão crítica sobre vários aspectos da sociedade. Tal compreensão está na contrapartida de um movimento de compreensão de que a dinâmica social do cinema participa da difusão de conhecimentos, da formação de hábitos e comportamentos, da constituição de memórias sociais, ao organizar lembranças e vivências, contribuindo para o aparecimento, manutenção ou a transformação de discursos, gostos, condutas e afetos, presentes tanto na História enquanto experiência quanto na produção de conhecimento histórico.

Nesse sentido, o que se quer sublinhar é a possibilidade de pensar a sétima arte e suas dinâmicas como lugares de conhecimento na sociedade, que põem em funcionamento determinadas condições de produção, transmissão e consumo das informações, portanto, doando significados às trajetórias de vida de indivíduos e grupos. O cinema, então, oferece ao historiador, como lembra Nóvoa (1995), não apenas a possibilidade de uma leitura histórica dos significados explícitos ou subliminares dos filmes, mas também como mediador do conhecimento histórico para vastas parcelas da sociedade imersas em uma cultura cada vez mais visual. No rastro da Escola dos Annales, trata-se de não desperdiçar nenhuma possibilidade de investigação dos comportamentos sociais e históricos e dos processos sócio-humanos, algo para o qual o cinema tem muito sobre o qual ver, ouvir e falar.

Referências

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

NÓVOA, Jorge. *Apologia da relação cinema-história*. In: O Olho da História. Revista de História Contemporânea. V.1. N.1. Salvador: Bahia, Nov. 1995.